

Os tecnicismos em dicionários: aspectos teóricos e metalexigráficos em publicações espanholas do século XX

Technicisms in dictionaries: theoretical and metalexigraphic aspects in spanish publications of the 20th century

Roosevelt Vicente FERREIRA (UFMS/CPTL)
roosevf@uol.com.br

Elizabete Aparecida MARQUES (UFMS)
elizabete.marques@ufms.br

Recebido em: 30 de set. de 2020.
Aceito em: 26 de out. de 2020.

FERREIRA, Roosevelt Vicente; MARQUES, Elizabete Aparecida. Os tecnicismos em dicionários: aspectos teóricos e metalexigráficos em publicações espanholas do século XX. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 11, n. esp., e2125, p. 73-87, mar./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-11esp2125.

Resumo: Com este artigo, apresentamos uma revisão bibliográfica a respeito dos preceitos teóricos que fundamentam a inserção de tecnicismos em dicionários. Para tanto, revisamos alguns trabalhos espanhóis de caráter metalexigráficos publicados no decorrer do século XX. As obras estudadas de Casares (1921), Menéndez Pidal (1945), Martínez (1947), Casares (1950), Haensch (1982), Haensch (1997) e Lara (1997) demonstram que a inclusão dos tecnicismos em dicionários foi objeto de preocupação desde os primórdios do século XX, reforçando a necessidade, por parte dos lexicógrafos da atualidade, de estudos sobre essa parcela do universo lexical, devido a sua importância para a elaboração de dicionários linguísticos.

Palavras-chave: Lexicografia. Metalexigrafia. Dicionário. Tecnicismo.

Abstract: With this article, we present a bibliographic review about the theoretical precepts that underlie the insertion of technicalities in dictionaries. For that, we reviewed some Spanish works of metalexigraphic character published during the 20th century. The studied works of Casares (1921), Menéndez Pidal (1945), Martínez (1947), Casares (1950), Haensch (1982), Haensch (1997) and Lara (1997) demonstrate that the inclusion of technicalities in dictionaries was the object of concern since the beginning of the 20th century, reinforcing the need, by today's lexicographers, of studies on this part of the lexical universe, due to its importance for the elaboration of linguistic dictionaries.

Keywords: Lexicography. Metalexigraphography. Dictionary. Technicality.

Introdução

As origens da unidade lexical hiperonímica “dicionário” remontam à época renascentista, período em que outras línguas subjugarão a língua latina, conquistando os espaços que essa dominava. Na época, precisamente em 1502, o italiano Calepino¹ cunhou o termo *Dictionarium*, em que o sufixo *arium*, significando depósito, designa o local para a guarda das palavras.

Daquela época para a contemporaneidade, esse instrumento de consulta, responsável por ser o depositário da língua e da cultura de uma comunidade linguística, passou por inúmeras transformações, acompanhando a evolução dos povos e os avanços tecnológicos, ora tentando retratar exaustivamente o léxico de uma determinada língua, ora apresentando os mais variados subconjuntos linguísticos que formam o emaranhado léxico da fala de um grupo social.

Nesse labor, o controle da inserção do repertório dos subconjuntos léxicos nos dicionários de caráter geral, como os regionalismos, fraseologismos, tecnicismos etc., mostra-se um grande desafio para o fazer lexicográfico, tendo em vista as suas especificidades, quantidades e diferentes visões metalexigráficas.

As discussões acerca dos tecnicismos perpassam os séculos e cada vez mais se apresentam como fundamentais no planejamento das obras lexicográficas. Apesar de todo o seu conservadorismo, Cuervo (1874 *apud* SECO, 2003, p. 317) argumenta, nos seus escritos críticos sobre o “Diccionario de la Real Academia Española”, de 1869, que era preciso que a academia não demorasse a adotar os termos técnicos das artes e das ciências porque “as academias não

¹ Lexicógrafo italiano Ambrogio Calepino (1440-1511), mais conhecido pela forma latina de seu nome, Calepinus.

devem se contentar em ser corpos passivos, devem influir também, cientificamente, no caminho do uso e movimento das línguas”² (tradução nossa).

Entretanto, reporta Lara (1997, p. 66-68) que somente a partir do século XVIII os tecnicismos começaram a aparecer com maior frequência nos dicionários, em decorrência da mudança de visão em relação à língua, que passou a ser vista como própria da sociedade e não do Estado. Diante disso, os dicionários, até então somente multilíngues, tornaram-se monolíngues para atender às necessidades do surgimento dos grandes inventários de tecnoleto e o do interesse comercial.

Mais recentemente, Castillo Carballo (2003, p. 98) evidencia que, em linhas gerais, até os dicionários escolares reservam espaço para os tecnicismos, tendo em vista a sua importância nas primeiras etapas de formação do falante. No entanto, destaca Garriba Escribano (2003, p. 118, tradução nossa) que “as dificuldades aparecem na hora de determinar se uma unidade é ou não um tecnicismo e, portanto, se deve ou não ser marcada”³.

Atualmente os tecnicismos⁴ são estudados e tratados cientificamente pelas teorias terminológicas, como, dentre outras, a Teoria Geral da Terminologia⁵, baseada nos estudos de Eugen Wüster, e a Teoria Comunicativa da Terminologia⁶, alicerçada nas pesquisas de Maria Teresa Cabré, que fundamentam a recopilação, o tratamento e a construção de dicionários especializados e terminológicos em conluio com os aspectos epistemológicos da Lexicografia. No entanto, a incorporação de vocábulos especializados em dicionários da língua comum sempre foi motivo de discussão a respeito de sua abrangência seletiva e, até mesmo, de seus aspectos definicionais, constituindo objeto de estudo e fundamentação teórica por parte dos lexicógrafos.

² [...] las academias no deben contentarse con ser cuerpos pasivos, deben influir también, científicamente, en la dirección del uso y el movimiento de las lenguas.

³ [...] las dificultades aparecen a la hora de determinar si una unidad es o no un tecnicismo, y por lo tanto, si debe o no marcarse.

⁴ Como forma de padronização, utilizamos nesta introdução, tecnicismo como sinônimo de termo, unidade léxica especializada ou tecnoleto.

⁵ WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Tradução de Maria Teresa Cabré. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada/Universitat Pompeu Fabra, 1998.

⁶ CABRÉ, M. T. **La terminología**: representación y comunicación – elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. 2ª.ed. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2005.

Dessa forma, percebemos a importância de uma pesquisa que proporcione uma ampla revisão bibliográfica, de forma cronológica, da teorização acerca dos critérios para a inserção⁷ das unidades especializadas nas obras dicionarísticas da língua comum, como forma de possibilitar uma maior compreensão desses pressupostos nos dias atuais, e reforçar assim a nossa responsabilidade linguística perante o fazer lexicográfico. Serviram de fontes para esta investigação publicações espanholas do século XX de cunho metalexigráfico, por verificarmos que os preceitos lexicográficos discutidos nessas obras têm embasado importantes estudos lexicográficos do português brasileiro, a exemplo de Casares (1950) e Haensch (1982, 1997).

À vista disso, para a realização deste trabalho, discorreremos sobre os referenciais teóricos que regem a lematização de unidades léxicas especializadas em obras lexicográficas espanholas, como forma de contribuir para os estudos dos tecnicismos em dicionários da língua portuguesa brasileira numa perspectiva metalexigráfica. Selecionamos para a investigação as obras de Casares (1921), Menéndez Pidal (1945), Martínez (1947), Casares (1950), Haensch (1982), Haensch (1997) e Lara (1997).

Casares (1921)

A publicação de 1921 intitulada “Nuevo concepto del diccionario de la lengua” traz o memorável discurso de Casares por ocasião da sua posse como acadêmico na Real Academia Espanhola (RAE). Nesses escritos, Casares apresenta um conjunto de ideias para fundamentar e esclarecer a importância da constituição de um dicionário ideológico.

O alvo das primeiras críticas por parte do linguista foi a definição de dicionário que a Academia naquele tempo adotava: “livro em que, em ordem alfabética, se contêm e se definem ou se explicam todas as dicções de uma ou mais línguas, ou as de uma ciência, faculdade ou matéria determinada”⁸ (CASARES, 1921, p.11, tradução nossa). Segundo Casares (1921, p.11), o conceito deveria ser revisto para que fosse restituída ao dicionário “toda sua legítima amplitude, libertando-o de certa restrição que o desnaturaliza e empequenece” (tradução nossa)⁹.

⁷ Não é objetivo desta pesquisa o estudo da composição de obras lexicográficas especializadas ou glossários terminológicos construídos a partir de metodologias específicas.

⁸ [...] libro en que, por orden alfabético, se contienen y definen o explican todas las dicciones de uno o más idiomas, o las de una ciencia, facultad o materia determinada.

⁹ [...] toda su legítima amplitud, libertándolo de cierta restricción rutinaria que lo desnaturaliza y empequeñece.

Para o linguista, a ideia da recopilação dos vocábulos de um dicionário ter que ser apresentada em ordem alfabética soa absurda porque, dessa forma, “todos os idiomas privados do alfabeto carecerão para sempre disso”¹⁰ (CASARES, 1921, p.11, tradução nossa).

Em relação aos tecnicismos, Casares (1921, p. 35) define-os como componentes do *caudal de léxico activo* do indivíduo, formados pelo léxico utilizado de forma comum na língua materna e pelo repertório lexical especial de um ramo, atividade ou estudos de cada falante. Para ele, “o léxico ativo do agricultor, do artesão e do médico coincidirá nas palavras necessárias para a comunicação mútua diária e diferirá na tecnicidade mais ou menos copiosa da respectiva tarefa, profissão ou faculdade”¹¹ (CASARES, 1921, p.35, tradução nossa).

Na defesa do formato do dicionário ideológico, uma vez que possibilitaria uma maior eficácia ao consulente ao apresentar uma visão mais ampla do campo semântico do lema, Casares (1921, p. 92) questiona se não seria mais eficiente organizar os tecnicismos de forma exaustiva em séries de palavras homogêneas em razão do significado, do que em compilações fortuitas e intermitentes.

Menéndez Pidal (1945)

Em 1945, Menéndez Pidal prologa o inovador dicionário ilustrado de Samuel Gili Gaya¹², com o título “El diccionario que deseamos”, no qual apresenta as diferenças entre o dicionário “Tesoro de la Lengua” e o da “Lengua Hablada”. Para o lexicógrafo, o primeiro se apresenta como um exaustivo depósito que custodia o bom uso da língua escrita do presente e do passado, e o segundo, mais seletivo, abriga o inventário da conversação diária, sendo mais enxuto e normativo. Menéndez Pidal (1945, p. XIV) sustenta que:

[...] tudo o que está literalmente escrito, exceto uma aberração puramente individual e extravagante, tudo o que é falado por um grupo da sociedade que não é totalmente sem instrução, deve ser incluído no dicionário, ora proceda do momento atual, ora venha de tempos passados. (tradução nossa)¹³

¹⁰ [...] *habrán de carecer de éste por siempre jamás todas las lenguas privadas de alfabeto.*

¹¹ [...] *el léxico activo del labrador, del artesano y del facultativo coincidirán en las palabras necesarias para la mutua comunicación cotidiana, y diferirán en el tecnicismo más o menos copioso de la respectiva faena, oficio o facultad.*

¹² GAYA, Samuel Gili. **Diccionario General Ilustrado de la lengua española**. Barcelona: Editorial SPES, 1945.

¹³ [...] *todo lo que literalmente se escribe, como no sea una aberración puramente individual y*

Para justificar essa posição, Menéndez Pidal (1945) apresenta inúmeros preceitos lexicográficos a respeito das unidades léxicas literárias, neologismos, arcaísmos, barbarismos, solecismos, estrangeirismos, marcações diatópicas e tecnicismos.

Em relação aos tecnicismos, o estudioso enfatiza que os dicionários seletivos deixam a desejar em sua recopilação ao priorizar as entradas que fazem parte da língua comum. Para o estudioso, é um equívoco a exclusão da terminologia profissional dos dicionários quando na verdade ela deveria ser a única normativa, uma vez que se trata sempre do objetivo maior dos consulentes. Dessa forma, Menéndez Pidal (1945, p. XVII) postula que “incomputável é o número de palavras que faltam nas profissões e trabalhos mais comuns nos léxicos, porque mesmo as ocupações mais vulgares têm tecnicismos complicados”¹⁴.

Martínez (1947)

Na mesma década, em 1947, Martínez publica o artigo “Contribución a una teoría de la lexicografía” na revista do Instituto Caro y Cuervo, intitulada de “Thesaurus”¹⁵, no qual apresenta com muita propriedade a vasta história da lexicografia espanhola e aborda várias questões lexicográficas, muitas delas baseadas em teóricos que o precederam.

Baseando-se principalmente nos preceitos de Capmany (1786), Martínez (1947, p. 81) assegura que há dois tipos de dicionários. O primeiro ele denomina de racional, responsável pelo inventário da linguagem peculiar de cada nação, e o segundo, de científico ou técnico, que aporta a linguagem comum no tratamento de matérias iguais. Essa divisão apoia-se na suposição de que um termo vocabular possui uma duplicidade oposta, material e espiritual. Diante desse fato, Martínez (1947, p. 82, tradução nossa) argumenta que “aceita essa interpretação, verifica-se que o dicionário técnico também é, por natureza, material, mas não deve ser entendido pela matéria, no caso do léxico, mas pela palavra como unidade de expressão”¹⁶.

extravagante, todo lo que se habla por una agrupación de la sociedad no totalmente inculta, debiera ser recogido en el diccionario, ora proceda del momento actual, ora venga de tiempos pasados.

¹⁴ [...] *incomputable es el número de palabras que de las profesiones y oficios más corrientes faltan en los léxicos. Porque hasta las ocupaciones más vulgares tienen complicados tecnicismos.*

¹⁵ Publicação periódica do Instituto Caro y Cuervo do Ministério de Educação Nacional da Espanha que difunde estudos sobre literatura, cultura, linguística teórica e aplicada.

¹⁶ [...] *aceptada esta interpretación resulta que el diccionario técnico es también, por naturaleza, material*

Dos aspectos lexicográficos de Lenz (1940), Martínez (1947, p. 88) nos traz a classificação das palavras de acordo com o ambiente peculiar e a área de origem. As unidades léxicas técnicas são classificadas hierarquicamente em duas posições: uma mais alta, nominada de estilo literário, como *tecnicismo*, que compreende os termos da indústria, comércio, da guerra, marinha etc., e uma hierarquicamente mais baixa, como *lenguaje técnico*, que abrange os termos dos ofícios, da indústria caseira e dos pequenos comércios. Para o linguista, ambos os tipos de palavras, por não fazerem parte da esfera geral da vida pública, classificação intermediária entre as citadas, devem ter indicação especial no dicionário.

Casares (1950)

Em 1950 publica-se a obra de Julio Casares, “Introducción a la lexicografía moderna”, considerada uma das pioneiras em termos metalexográficos e apontada como o embrião dos fundamentos da lexicografia espanhola como disciplina organizada. A obra discorre sobre inúmeros princípios teóricos, dentre eles, os parâmetros para os estudos das unidades pluriverbais na vertente cervantina e relevantes aspectos sobre os tecnicismos.

Casares (1950, p. 268) sustenta que o idioma é formado por um agrupamento de falas particulares que possuem, em suas intersecções, sempre inúmeros elementos linguísticos partilhados, formando assim a parte da *lengua común* e a parte dos *particularismos*. Os particularismos são formados pelas unidades dos subagrupamentos linguísticos que compõem o repertório de uma comunidade linguística. Para o estudioso, esse universo particular é dividido, para resolver um problema de terminologia, em *particularismos sociales* e *particularismos profesionales*. Nos particularismos profissionais se encontram os tecnicismos que o linguista com muita propriedade divide em vocabulário dos ofícios (*vocabulario de artesanía*), tecnicismos das artes liberais, tecnicismos das indústrias e tecnicismos científicos.

Argumenta Casares (1950, p. 280–281) que o vocabulário dos ofícios é bem reduzido, estável e castiço e que sua terminologia se mantém ao longo do tempo, mesmo quando as novas tecnologias vão mudando os utensílios e os maquinários, e ainda que seja formado também por empréstimos linguísticos, o repertório passa por uma adaptação de

ya que por materia no debe entender-se, tratándose del léxico, sino la palabra como unidad de expresión.

forma e fonética por ação popular, ou seja, é “submetido à ação dos sucos vernaculares, ou seja, digerido antes de ser assimilado”¹⁷ (tradução nossa). Para o teórico, esse vocabulário possui todas as condições requeridas para integrar-se ao dicionário sem desfigurar a fisionomia geral da língua. Por sua vez, sustenta o escritor que os tecnicismos das artes liberais (pinturas, músicas) também devem ser aproveitados com os mesmos critérios do vocabulário de ofícios porque, apesar de alguns neologismos, são escassos e não afetam o acervo tradicional.

Os tecnicismos das indústrias são concebidos por Casares (1950, p. 282-284) como distintos dos demais, tendo em vista que a terminologia de produtos, artefatos e máquinas é profundamente afetada pelas novas tecnologias ao longo do tempo (*mutatis mutandis*). Esse fato acarreta um considerável volume de nomes que se multiplicam ainda mais quando se leva em consideração os adjetivos, verbos, nomes de ação e as terminologias exóticas contaminadas por inúmeros barbarismos repulsivos que tendem a afetar os lexicógrafos mais puristas. Para esses casos, o linguista sugere a inclusão apenas das terminologias que estão bem documentadas, marcando-as com advertências e, se possível, oferecendo equivalências ou derivações corretas. Apesar de todos esses percalços puristas, o lexicógrafo interpreta que o vocabulário industrial, apesar da grande quantidade, não ocuparia uma grande extensão nos dicionários, sendo possível a sua inclusão, desde que observadas as barreiras apontadas.

Finalmente, os tecnicismos científicos, para Casares (1950, p. 285), apresentam-se em um volume aterrador, fruto das diversas disciplinas que integram o conhecimento humano, surgindo assim o primeiro problema que é de espaço e de proporcionalidade na obra dicionarística, daí a necessidade de se estabelecer critérios para a admissão, que somados a outras limitações, como, por exemplo, a instabilidade das denominações que vão mudando para as mesmas coisas e mesmos fenômenos, faz com que Casares (1950, p. 287, tradução nossa) postule que “a inclusão no dicionário de toda esta terminologia movediça e em boa parte caducada, consumiria inutilmente um espaço digno de melhor aproveitamento”¹⁸.

Outro obstáculo limitador dos tecnicismos científicos é a qualidade léxica. Aponta Casares (1950, p. 288) que essa terminologia,

¹⁷ [...] sometidas a la acción de los jugos vernáculos, es decir, digeridas antes de ser asimiladas.

¹⁸ [...] la inclusión en el Diccionario de toda esta terminología movediza y en buena parte caducada, consumiría inútilmente un espacio digno de mejor aprovechamiento.

assim como a industrial, também traz contaminações por barbarismos e apresenta uma quantidade não descartável de hibridismos e formações arbitrárias. No entanto, para o lexicógrafo, não parece prudente redimi-la a esses vícios, tendo em vista a sua importância à validade internacional.

O vocabulário específico usado pelas ciências modernas, especialmente em seu mais alto grau de tecnicismo, é quase exclusivamente de origem culta e é até possível em muitos casos saber quem foi o inventor mais ou menos bem-sucedido desta ou daquela palavra¹⁹. (CASARES, 1950, p. 288, tradução nossa).

Um fator de suma importância que também habita o terreno dos tecnicismos científicos, do ponto de vista do linguista, é a distância de certas terminologias em relação à língua comum. Na verdade, sustenta Casares (1950, p. 289) que em alguns casos não se sabe se certas fórmulas verbais podem ser consideradas vocábulos. É o caso das nomenclaturas das plantas que recebem os sobrenomes dos botânicos que as descobriram e as denominações dos ácidos na química, em que há um elemento, por exemplo, com 24 sílabas. Para o lexicógrafo, esses elementos linguísticos são fórmulas cabalísticas que não fazem parte da língua e, desse modo, não devem ser incluídos no repertório do dicionário.

Casares (1950, p. 290) observa, também, a necessidade da regulação da inclusão dos tecnicismos científicos no léxico geral. A pressão para que se aumente a inclusão dos tecnicismos nos dicionários devido à crescente propagação dos conhecimentos científicos é uma realidade, no entanto, sustenta Casares (1950, p. 291-293) que a sua instabilidade e qualidade léxica invalidam essa ideia, e que não há como esperar que um dicionário possa seguir o ritmo dos vocabulários especiais. O lexicógrafo admite que o descarte do “vocabulário vencido” pode ser uma forma de aliviar o grande volume dos tecnicismos em relação ao léxico geral, ou confiar aos especialistas a decisão de quais tecnicismos de suas respectivas áreas devem ser incluídos no repertório lexicográfico de caráter geral, levando em consideração a importância, o grau de difusão, a vitalidade, e a não existência de expressões equivalentes no uso geral, ou seja, “o especialista teria as mãos livres para separar o joio do trigo e nos oferecer o grão, não só limpo, mas na proporção adequada”²⁰ (CASARES, 1950, p. 288, tradução nossa).

¹⁹ [...] el vocabulario específico de que sirven las ciencias modernas, especialmente en su más alto grado de tecnicismos, es casi exclusivamente de origen culto y hasta puede saberse en muchos casos quién fue el inventor más o menos afortunado de tal o cual palabra.

²⁰ [...] el especialista tendría las manos libres para apartar la paja y los granzones y para ofrecernos el grano, no solamente limpio sino en la proporción conveniente.

Haensch; Wolf; Ettinger e Werner (1982)

Coordenado por Günther Haensch, em 1982 publica-se um dos mais importantes e completos manuais metalexigráficos da língua espanhola: “La lexicografía”. O próprio Haensch distingue-o de outras obras de mesmo porte, que, segundo ele, também apresentam uma síntese da linguística moderna e preceitos da lexicografia prática, pelo fato de sustentar um detalhamento significativo de aspectos práticos para a elaboração de uma obra lexicográfica. Na verdade, a completude do manual não passa só por esses aspectos. O seu conteúdo teórico, tanto linguístico, no caráter geral, quanto lexicográfico (tipologias de obras, aspectos definicionais etc.) é de uma profundidade que faz da obra um guia imprescindível para a confecção de um dicionário.

Para o lexicógrafo, a linguagem especializada é formada pelo conjunto de termos técnicos de uma ciência, de uma profissão e de outras atividades humanas. Essas unidades, quando reunidas em uma obra lexicográfica específica recebe a classificação tipológica de seleção parcial²¹, tendo em vista a marcação diatécnica²². Entretanto, quando o assunto é a inserção desse inventário nos dicionários da língua comum, argumenta Haensch (1982, p. 138-139) que os vocabulários técnicos formam subconjuntos de tecnicismos que não se limitam somente às determinadas áreas científicas ou grupos. Esse vocabulário parcial penetra, por consequência da característica da própria língua moderna, no vocabulário geral, sendo essa transição uma constante, tendo em vista que o repertório não permanece restrito aos profissionais da área. Haensch (1982, p. 145, tradução nossa) assevera que “a massa dos tecnicismos de uma língua está fora da competência lexical do falante comum (também do culto), que só conhece uma certa seleção dos tecnicismos de todas as disciplinas”²³.

Como aspectos definicionais, Werner (1982, p. 266) argumenta que os tecnoletos algumas vezes são indicados pelos lexicógrafos não como um nível linguístico, mas sim como um subsistema do sistema linguístico, quando na verdade se deve levar em conta, ao mesmo tempo,

²¹ A classificação tipológica proposta por Haensch (1982, p. 95-187), segundo os critérios práticos, é dividida em geral ou parcial.

²² Para Haensch (1982, p. 147) o vocabulário técnico também pode possuir a marcação diatópica, porque algumas vezes se apresenta distinto dentro de uma mesma área técnica, em áreas geográficas específicas.

²³ [...] la masa de los tecnicismos de una lengua queda al margen de la competencia léxica del hablante medio (también del culto), que sólo conoce cierta selección de los tecnicismos de todas las disciplinas.

“a dependência de elementos linguísticos no fator ‘tema do enunciado’ e também sua dependência da pessoa do emissor e do receptor da mensagem” (tradução nossa)²⁴. Destaca o lexicógrafo que, na ordenação das acepções, os critérios mais utilizados no fazer lexicográfico, o da frequência e o da posição dentro do sistema coletivo, determinam sempre que as definições do lema na língua geral apareçam antes das acepções que definem o nível linguístico tecnicista.

Sob o enfoque da variação linguística, Ettinger (1982, p. 389-392) argumenta que os tecnoletos são classificados dentro da diferenciação diastrática. Segundo ele, no decorrer do século XX, pela rápida evolução das profissões, das ciências e das técnicas, os tecnoletos se tornaram uma problemática importante nos dicionários, devido à enorme quantidade de terminologias que se formam e que aumentam ano a ano. Para solucionar essa adversidade, como forma de restringir o repertório técnico a ser copilado sob o ponto de vista linguístico, o lexicógrafo apresenta duas medidas.

A primeira ação que deve ser buscada, dentro da lexicografia de forma aplicável, é a diferenciação entre a língua comum e os tecnoletos. Essa distinção jamais será exata porque as relações são variadas e normalmente são formadas diacronicamente. A segunda é, na tentativa de se oportunizar a formação dos neologismos, a criação de palavras parecidas em todos os tecnoletos, já que eles são o âmbito mais importante de formação de palavras, pelo uso de prefixos e sufixos latinos e gregos. Por último, prega Ettinger (1982, p. 391) que os dicionários gerais deveriam limitar a inclusão das unidades fraseológicas da língua comum, como forma de aumentar o espaço para o repertório técnico, no entanto, é preciso que esse inventário seja o necessário para o leigo, separando assim o dicionário linguístico de uso comum do dicionário técnico voltado ao especialista.

Em relação aos preceitos práticos da elaboração de dicionários, é oportuno, para finalizarmos os pressupostos relativos aos tecnicismos na obra coordenada por Haensch (1982), apresentar mais um aspecto sobre a indicação do tecnoleto ou da especialidade nas acepções da microestrutura. Haensch (1982, p. 497) enfatiza que normalmente se usa uma série de siglas ou símbolos baseados muito mais na experiência do lexicógrafo do que em uma classificação científica.

²⁴ [...] la dependencia de elementos lingüísticos del factor ‘tema del enunciado’ y también su dependencia de las personas del emisor y del receptor del mensaje.

Haensch (1997)

Em 1997, ocorre a editoração de uma significativa obra de Günther Haensch: “Los diccionarios del español en el umbral del siglo XXI”. Esse importante exemplar enumera uma exaustiva classificação exemplificada dos inúmeros dicionários espanhóis, com observações críticas positivas e negativas. Em termos teóricos, apresenta uma fundamentação metalexigráfica escassa, não trazendo aspectos em relação aos tecnicismos nas obras lexicográficas.

Lara (1997)

Finalmente, também em 1997, encerrando o século XX, publica-se a obra de Luís Fernando Lara, “Teoría del diccionario monolíngüe”. O livro se apresenta como um manual linguisticamente teórico, de verbalização densa, e de atualização dos preceitos metalexigráficos da língua espanhola. Em relação aos tecnicismos, não há conteúdos atinentes, existindo apenas duas pequenas observações. Lara (1997, p. 68) apresenta um pequeno resumo histórico sobre a construção simbólica do dicionário, destacando que, na França, o século XVIII foi o século dos grandes inventários dos tecnoletos e, conseqüentemente, o período de grande interesse em suas inserções nos dicionários. Por sua vez, Lara (1997, p. 252), na teorização da complexidade normativa do dicionário monolíngüe, enfatiza a necessidade da marcação dos tecnicismos como de uso especializado nos campos técnicos, nas acepções pertinentes.

Observações pertinentes

Diante dessa revisão bibliográfica, observamos por meio de Casares (1921) que, no prelúdio do século XX, os aspectos relacionados aos tecnicismos já se apresentavam como princípios dignos de discussão para o melhor fazer lexicográfico, tendo servido de fortes argumentos para que Casares vendesse a ideia da eficácia e da eficiência de um dicionário ideológico, devido aos seus especiais aspectos semânticos e linguísticos.

Na década de 1940, Menéndez Pidal (1945) e Martínez (1947) defendem a importância dos tecnicismos nos dicionários. O primeiro, com maior concretude, defende uma inclusão maior dos tecnicismos por serem os alvos principais dos consulentes, e o segundo, em uma esfera mais filosófica, apresenta a diferença entre léxico geral e

especializado, dividindo esse último em tecnicismo e linguagem técnica e asseverando que ambas as categorias são importantes e devem ter indicação especial nos dicionários.

Na obra representativa da década de 1950, coletânea de relevância linguística e lexicográfica, Casares (1950) evidencia como os aspectos culturais e linguísticos de uma comunidade afetam o fazer lexicográfico. Em sua teorização, o lexicógrafo analisa a dificuldade em lematizar os tecnicismos do vocabulário de ofícios, por serem considerados castiços, e os da terminologia industrial, por serem contaminados de barbarismos prejudiciais, fatos que afetam os trabalhos dos lexicógrafos mais puristas. O linguista interpreta, também, que o tecnicismo científico, devido ao volume, instabilidade e qualidade expressiva, também oferece resistência de inclusão, tendo em vista que essas características invalidam a pressão do aumento dessas unidades nos dicionários. Como paliativo, o estudioso sugere o descarte do léxico já caducado. A ideia de jogar no colo dos especialistas a decisão de quais unidades de cada área devem ser lematizadas parece-nos uma saída fenomenal, mas ainda digna de estudos que sustentem a viabilidade.

Por sua vez, é inegável a riqueza da obra coordenada por Haensch (1982). Além de oferecer aspectos teóricos da linguística contemporânea em grande profundidade, o exemplar nos proporciona todos os aspectos necessários para o entendimento teórico e prático da formulação de uma obra lexicográfica, sendo, dessa forma, um manual que traz contribuições importantes não só para a lexicografia espanhola, mas também para a lexicografia geral. Os tecnicismos são apresentados como vocabulários parciais que penetram no vocabulário geral, evidenciando uma característica da própria língua moderna, e suas definições aparecem sempre depois das acepções da língua geral pelo critério da seleção por frequência. Devido à importância dada aos tecnicismos, defende o linguista a limitação da inclusão das unidades fraseológicas da língua comum, como forma de se abrir mais espaço para o repertório técnico.

Finalmente, nos manuais da década de 1990, Haensch (1997) e Lara (1997) se apresentam de forma mais tímida no que diz respeito ao tratamento dos tecnicismos nos dicionários. No caso de Haensch, entendemos a pouca fundamentação metalexicográfica por sabermos que não é o objetivo maior da obra. Neste caminho, o manual de Lara, apesar do grande aporte teórico, não apresenta conteúdos em relação aos tecnicismos, disponibilizando apenas um pequeno resumo histórico sobre a sua importância nos dicionários desde os tempos mais remotos.

Considerações finais

A revisão bibliográfica acerca dos preceitos teóricos que fundamentam a inserção de tecnicismos em dicionários mostrou que a cientificidade que revestiu a lexicografia na segunda metade do século XX proporcionou visões mais aprofundadas acerca dos tecnicismos, tanto na esfera teórica, como na metalexigráfica. Dessa forma, algumas publicações se apresentam como verdadeiros repertórios teóricos que embasam os estudos dos tecnicismos na língua espanhola, como é o caso de Casares (1950) e Haensch (1982). As demais trazem o assunto de maneira mais acanhada, porém, não menos importante. Os pressupostos apresentados nos possibilitaram a conclusão de que o campo dos tecnicismos nos dicionários fez parte das grandes preocupações lexicográficas dos teóricos espanhóis no decorrer do século XX, caracterizando-se como um aspecto que deve ser estudado com profundidade e cada vez mais fundamentado, devido a sua importância para a elaboração de adequados dicionários linguísticos.

Consideramos oportuno, para finalizar esses escritos sobre os tecnicismos nos dicionários, valer-nos das palavras de Casares (1950, p.285, tradução nossa) que alertam que o universo linguístico, “além de difícil, é um terreno ingrato, porque nele não se esperam soluções satisfatórias e gerais, mas, na melhor das hipóteses, compromissos circunstanciais”²⁵.

Referências

CABRÉ, María Teresa. **La terminología**: representación y comunicación – elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. 2ª.ed. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2005.

CAPMANY, Antonio de. **Observaciones críticas sobre la excelencia de la lengua castellana**. Madrid, 1786.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: CSIC, 1950.

CASARES, Julio. **Nuevo concepto del diccionario de la lengua**. Discurso leído en el acto de recepción de J. Casares como miembro de la Real Academia Española. Madrid: G. Koehler, 1921.

CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. La macroestructura del diccionario. In: MEDINA GUERRA, Antonia. (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003. p. 79-101.

²⁵ [...] terreno, además de difícil es ingrato, porque en él no son de esperar soluciones satisfactorias y de carácter general, sino, a lo sumo, componendas circunstanciales.

ETTINGER, Stefan. La variación lingüística en lexicografía. In: HAENSCH, Günther *et al.* **La lexicografía**. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p. 359–394.

GARRIBA ESCRIBANO, Cecilio. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: MEDINA GUERRA, Antonia, M. (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003, p. 103–126.

GAYA, Samuel Gili. **Diccionario General Ilustrado de la lengua española**. Barcelona: Editorial SPES, 1945.

HAENSCH, Günther *et al.* **La lexicografía**. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HAENSCH, Günther *et al.* **Los diccionarios del español en el umbral del siglo XXI**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997.

LARA, Luis Fernando. **Teoría del diccionario monolingüe**. México: El Colegio de México, 1997.

LENZ, Rodolfo. **Dialectología hispanoamericana**. El español en Chile. Buenos Aires: Instituto de Filología, 1940.

MARTÍNEZ, Fernando Antonio. Contribución a una teoría de la lexicografía española. Thesaurus. **Revista del Instituto Caro y Cuervo**. III. 1947.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón . El diccionario que deseamos. In: GAYA, Samuel Gili. **Diccionario General Ilustrado de la lengua española**. Barcelona: Editorial SPES, 1945.

RULL, Antoni Nomdedeu. Hacia una nueva conceptualización de diccionarios pedagógicos de español. In: **Estudios de Lexicología y Lexicografía**. Homenaje a Eloina Miyares Bermúdez. 2017.

SECO, Manuel. **Estudios de lexicografía española**. 2. ed. Madrid: Gredos, 2003.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, Günther *et al.* **La lexicografía**. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p. 259–328.

WÜSTER, Eugen. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Tradução de Maria Teresa Cabré. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada/Universitat Pompeu Fabra, 1998.